Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte OESP
Data 13/10/96 Pg A1, D1, 2, 16
Class. 263

SP, RJ, MG, PR e SC: R$ 2,00
Demais Estados: ver tabela na página A4

O ESTADO DE S. PAULO

RUY MESQUITA
Diretor-responsável

EDIÇÃO FINAL

Julio Mesquita (1891-1927) *Julio de Mesquita Filho (1927-1969)* ANO 117 DOMINGO Nº 37.615 SÃO PAULO, 13 DE OUTUBRO DE 1996 *Francisco Mesquita (1927-1969)* *Julio de Mesquita Neto (1969-1996)*

Cresce consumo na periferia de São Paulo

Maior poder aquisitivo da população de baixa renda movimenta os shoppings de bairros

Os shopping centers localizados na periferia de São Paulo registraram este ano um aumento médio de vendas da ordem de 20%, contra 5% dos shoppings tradicionais. O ganho de poder aquisitivo obtido pelas populações de baixa renda, com a queda da inflação, faz com que o consumo cresça nos bairros paulistanos mais afastados. Os lojistas já programam ampliações e investimentos. **Página B1**

Eleitor rejeitou representantes das oligarquias

O resultado do primeiro turno das eleições revela que o voto foi usado contra as oligarquias que por décadas dominaram a política. O partido mais votado nos 47 maiores municípios do País foi o PT, seguido do PSDB. Os dois representaram o discurso novo, da rejeição às forças tradicionais. **Página A4**

Eficiência foi a principal opção no primeiro turno

Os resultados de 3 de outubro mostram que os eleitores amadureceram e votaram na eficiência. Para cientistas políticos, houve apoio a candidatos que foram convincentes ao apresentar propostas de governo. O desejo de continuidade também prevaleceu em várias capitais. **Páginas A8 a A11**

ESPECIAIS

Itamar Miranda/A

Em pé de guerra

Aos 70 anos, o cacique Ioromu (foto), líder caiabi, está cansado e decepcionado. Pintado de preto — a cor da guerra — ele ergue o arco e a flecha. Lamenta que os brancos só levaram dor e sofrimento para seu povo. Ioromu não está brincando. Ele quer guerra contra invasores do Parque Nacional do Xingu, onde vive sua tribo. "Gosto muito de cabeça de branco para espeta em estacas e animar nossa festas", diz. **Caderno 2 Especi**

Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte OESP
Data 13/10/96 Pg Out.
Class. 263

O ESTADO DE S. PAULO

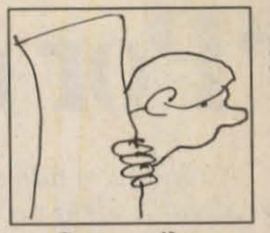
D1

CADERNO 2

ESPECIAL • DOMINGO

ANO IX NÚMERO 3.535 □ DOMINGO, 13 DE OUTUBRO DE 1996

Francis fala sobre exposição de Rembrandt. Pág. D10



Garçonnières são o tema de Verissimo. Pág. D4

Desprotegidos, índios podem ir à guerra no Xingu

Líderes indígenas protestam contra invasão da reserva por "um grande grupo de homens armados", pintam seus corpos de negro — a cor da guerra — e dizem que não aguentarão essa provocação por muito tempo

ULISSES CAPOZOLI
e ITAMAR MIRANDA
Enviados especiais

PARQUE NACIONAL DO XINGU — O Xingu, durante muito tempo um abrigo de índios que perderam suas terras para a conquista e ocupação do Brasil Central, já não oferece a mesma proteção do passado. Um conjunto de situações, cada uma com seu teor explosivo próprio, está se combinando, na região, para produzir uma bomba prestes a explodir. Ela terá o efeito de reviver os tempos em que conflitos entre os donos naturais dessas terras e os novos ocupantes, vindos do Sul e do Leste, eram resolvidos com mortos e feridos.

Há três semanas, líderes indígenas reunidos no Posto Diauarum, uma das três unidades administrativas da reserva, enviaram uma mensagem dura e urgente à Fundação Nacional do Índio (Funai), em Brasília. O radiograma pede que a agência indígena tome "medidas urgentes" para coibir provocações de invasores do parque, que ameaçam a integridade física tanto da reserva quanto de seus ocupantes: 4 mil índios divididos em 16 diferentes etnias. O documento enviado à Funai, o mais recente de uma longa série, refere-se especialmente à invasão de "um grande grupo de homens armados, ocupantes de sete barcos que, vindos de Marcelândia, um dos municípios que envolvem a reserva, transgrediram os limites do parque numa atitude ostensivamente provocativa". No mesmo dia enviaram uma carta à prefeitura municipal de Marcelândia pedindo que o prefeito local tome as medidas necessárias, advertindo: "Não vamos aguentar este tipo de provocação por muito tempo".

> GOSTO DE ESPETAR CABEÇA DE BRANCO EM ESTACAS E ANIMAR AS FESTAS

Os mais irritados com a situação atual do Xingu são as lideranças caiabis, nação numerosa até meio século atrás, mas hoje reduzida a uma população estimada em 1.200 índios. Os caiabis dividiram com outras nações, como os jurunas e os crincatires, conhecidos como suiás, as terras que integram ou envolvem hoje a reserva.

Os repórteres do **Estado** acompanharam, há duas semanas, uma reunião tensa no posto Diauarum entre as lideranças indígenas. Os participantes do encontro chegaram ao posto durante a madrugada e com o nascer do Sol. Tinham seus corpos parcial ou inteiramente pintados de preto, a cor da guerra. Ioromu, líder caiabi de 70 anos, mergulhou no passado de suas memórias revivendo as "conquistas dos brancos". Comoveu os mais jovens e ele próprio ficou alterado com suas lembranças. Com as armas depositadas sobre a mesa e decorado com um cocar de penas negras luzidias de mutum, Ioromu disse aos mais jovens que não vê mais razões para a espera, conclamando-os a se preparar para a luta.

Itamar Miranda/AE

Chefes indígenas no Posto Diauarum, no Xingu: "Garimpeiros e seringueiros escravizaram nosso povo e violentaram nossas mulheres"

Os brancos, no longo relato de Ioromu, "só trouxeram dor e sofrimento" aos índios. Ele rememorou os primeiros contatos com os brancos, quando os "garimpeiros e seringueiros escravizaram nosso povo e violentaram nossas mulheres". Expressando-se em sua língua — do tronco tupi-guarani, embora fale o português — Ioromu disse pausadamente o que, da mesma maneira foi repetido por seu tradutor, Aturi Kayabi: "Eu gosto muito de cabeça de branco, para espetar em estacas e animar nossas festas".

Homens-livro — Para quem acha exagerado o relato de Ioromu talvez seja conveniente considerar dois fatos básicos: que os índios são povos sem tradição escrita e por isso "os velhos são os nossos livros", como disse na reunião Takepeini Kayabi, um dos jovens.

O segundo argumento é que eles consideram a possibilidade de extinção de seus povos como um fato real e não como uma metáfora de linguagem. Exemplos disso não faltam. O primeiro deles é que os índios eram pelo menos 5 milhões à época em que Cabral aportou na costa da Bahia com sua esquadra de 13 caravelas e hoje estão reduzidos a 250 mil. Nações inteiras desapareceram abatidas pelas armas e doenças, enquanto, agora mesmo, outras agonizam.

■ *Continua na páginas D2 e na contracapa*

Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte FSP
Data 13/10/96 Pg cont.
Class. 263

TENSÃO NO XINGU

"Por que os brancos fazem isso com a gente?"

No Xingu, e não só entre os caiabis, começa a prevalecer a idéia de que eles foram "enganados" pelos irmãos Villas-Boas: Orlando, Álvaro, Leonardo e Cláudio, responsáveis pela criação da reserva

Essa agonia também é o caso, por exemplo, dos avá-canoeiros, de fala do tronco tupi-guarani, reduzidos a meia dúzia de pessoas acuadas por uma nova hidrelétrica no Mato Grosso. Ou dos jumas, do rio Açuá, afluente do Purus, no Amazonas, que hoje não passam de dois casais de velhos e três crianças. O índio Karé, considerado o único em condições de procriar e assegurar a sobrevivência de seu povo, foi morto por uma onça, em janeiro de 1992.

A reivindicação urgente de Ioromu e do povo caiabi, refugiados na reserva do Xingu, é a preservação de parte das florestas do seu antigo território, em terras que hoje integram cidades recém-nascidas como Alta Floresta, Colider, Cláudia, Vera e Juara. Nessas matas é que eles encontram material para a construção de seus arcos e os alimentos que sempre integraram sua dieta, como a carne de macaco e uma ampla variedade de frutas.

> SEM NOSSAS MATAS NÃO PODEREMOS PRESERVAR NOSSOS VALORES: MORREREMOS

"Sem nossas matas não temos como preservar nossos valores e sem eles estaremos mortos", raciocina com lógica cristalina o velho líder caiabi. No ano passado ele retornou ao seu antigo território. Aos mais jovens — que não conhecem essas terras, embora muitos tenham nascido lá e se mudado para o abrigo do Xingu — contou que só viu destruição. No lugar da floresta densa e misteriosa estão troncos calcinados de árvores abatidas e incendiadas para dar espaço às pastagens. Na região do Xingu, a nova capital do Boi Gordo, já se reúne quase 1 milhão de cabeças de gado. O único macaco que o velho caiabi conseguiu abater "tinha só pele e osso e talvez estivesse passando fome, como nós corremos o risco de passar" advertiu.

Os índios são sistemáticos em seus pronunciamentos. Um nunca interrompe a fala do outro e as histórias começam sempre num passado distante, o mais longe que pode recuar a memória dos mais velhos.

No Xingu, e não só entre os caiabis, começa a prevalecer a idéia de que eles foram "enganados" pelos irmãos Villas-Boas: Orlando, Álvaro, Leonardo e Cláudio, responsáveis pela criação da reserva oficializada por Jânio Quadros em 1961. Velhos e jovens dizem que hoje não abandonariam suas terras em troca de presentes e refúgio seguro, os acenos dos irmãos Villas-Boas no passado.

Recuperação — Nisso podem estar enganados. Os 3,27 milhões de hectares da reserva, de uma ou outra maneira, podem ter permitido a sobrevivência física e uma possível recuperação cultural das 16 etnias que ali convivem, muitas delas antigas rivais, caso dos suiás e jurunas. A demonstração dessa tese pode estar sendo feita pelos crenacarores ou panarás, os famosos índios gigantes, última atração feita pelos irmãos Villas-Boas, em 1973. Não ambientados ao Xingu e em choque com os brancos, com mortos, como aconteceu em abril de 1991, eles resolveram retornar às suas terras, 200 quilômetros a noroeste de Diauarum, no ano passado.

Não só a derrubada crescente das florestas para formação de pastagens, mas a cobiça de madeira nobre por gente atrás do lucro rápido, a corrida do ouro nos anos 70 — que inchou povoados e produziu novas cidades para melhor gerenciar os interesses de grupos — e, em certos casos, o puro desejo de eliminar os índios, tidos como um povo indesejável, são outros componentes do conflito a ponto de explodir no Xingu e áreas vizinhas, como as terras caiapós, ao norte do parque, já no Pará.

A explosão demográfica das novas cidades está produzindo os mais variados efeitos na reserva. A construção acelerada de moradias em São José do Xingu, na extremidade nordeste do Parque, por exemplo, está levando à retirada de areia do leito do rio Xingu, junto à BR 080, que corta a reserva ao meio, no sentido leste-oeste. Esta é uma situação preocupante e capaz de criar uma fonte de atritos a qualquer hora, analisa o chefe do Diaurum e funcionário da Funai, Mairawe Kayabi.

São José do Xingu é o nome oficial da cidade organizada em torno de uma serraria, nos anos 1970, e que, por causa do grande número de mortos em brigas, no passado recente, foi popularmente batizada de Bang-Bang. Hoje, no parque, todos se referem a ela simplesmente como Bang. Outros problemas são os esgotos urbanos de Marulândia, lançados em rios que cortam o parque.

Vivendo no limite leste da reserva, em terras já ocupadas por seus antepassados junto ao rio Suiá-Missu, os crincatires, ou suiás, são os que mais sofrem em relação aos seus vizinhos. Uma fonte incômoda de atritos dos suiás é a fazenda Roncador-Jaú, um dos maiores empreendimentos agro-pecuários na bacia do Xingu. Seu proprietário decidiu abrir canais de dranagem de até 40 quilômetros nas terras que ocupa e, com isso, sujou o rio que abastece os suiás de água e peixes.

Os repórteres do **Estado** subiram o Suyá-Missu numa viagem que a remo duraria três dias e numa lancha voadora consome *duas horas, para viver três dias* com esses índios. Como os txucarramães, eles usam botoque de madeira no lábio inferior e nas orelhas, dando-lhes, à primeira vista, um aspecto um tanto assustador.

A viagem foi feita sob uma das tempestades típicas que a esta época desabam no Alto Xingu. Encharcados e congelados pela chuva fomos recebidos pelo cacique Kuyussi Suyá, que nos ofereceu o calor de seu fogo, no abrigo de sua própria família, antes de nos transferir para a maloca ampla, fresca e aconchegante que serve de escola para as crianças da aldeia.

Rastro de pneus — Em dois barcos a motor subimos com o cacique e 18 guerreiros suiás até o Alto Suyá-Missu onde grupos crescentes, vindos até de Santa Catarina, vêm pescar, matar jacarés, pacas e antas. Na versão dos índios, também pintados de preto e armados para um possível confronto, os pescadores e caçadores recolhem do rio e abatem nas matas mais do que podem levar. Por isso, até antas já foram deixadas apodrecendo na beira do rio, junto ao rastro de pneus dos veículos que entram na área pela fazenda São José, de um fazendeiro de Sertãozinho, interior de São Paulo.

A malária e a disenteria, comuns com as primeiras chuvas da primavera no Xingu, preocupam Pichanha Juruna, agente índio de saúde que a Funai mantém no Diauarum. Como algumas fazendas estão atirando nos rios o gado que morre em suas terras, para impedir a propagação de doenças no restante do rebanho, Pichanha teme que os desarranjos intestinais venham a aumentar.

O cacique Kuyussi aponta irritado para o rio e para duas picapes de pescadores estacionadas à sua margem, além das árvores calcinadas da fazenda para prevenir:

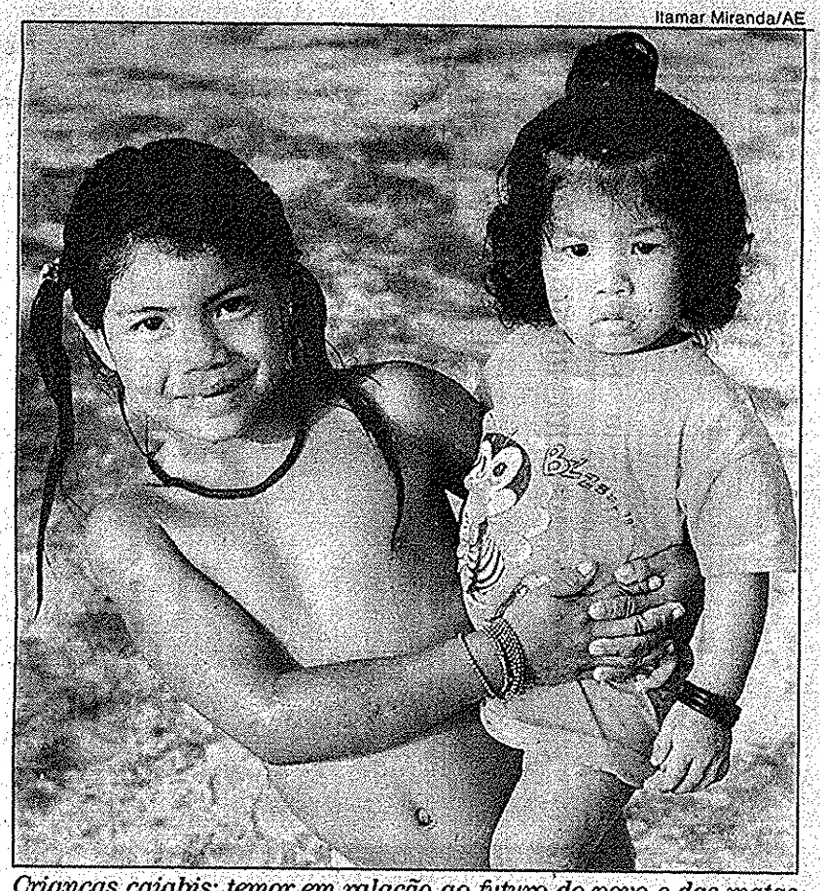
"O fazendeiro vai reagir se invadirmos suas terras e roubar uma única cabeça de gado". E se pergunta: "Mas por que acham que têm o direito de invadir assim as terras que nos pertencem há séculos"? "Por que os brancos fazem isso com a gente?". **(U.C.)**

Continua na contracapa

Itamar Miranda/AE

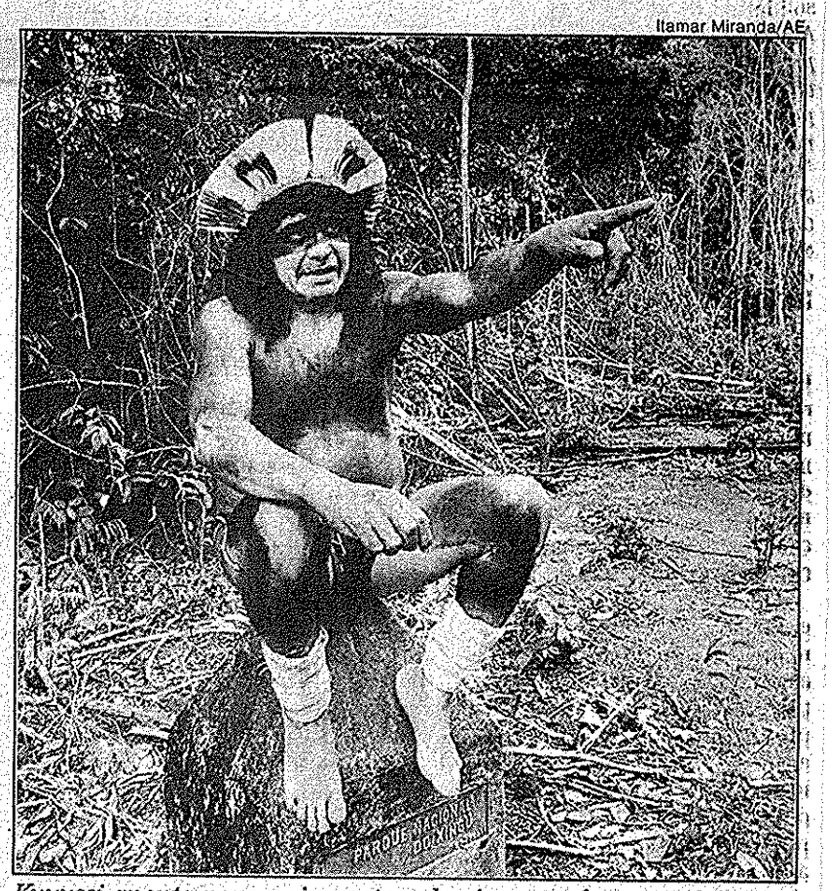
Destruição da mata nas antigas terras dos caiabis: "O macaco tinha só pele e osso, talvez com fome, como nós corremos o risco de passar"

Itamar Miranda/AE



Crianças caiabis: temor em ralação ao futuro do povo e das matas

Itamar Miranda/AE



Kuyussi aponta para o rio: rastros de picapes e árvores calcinadas

Itamar Miranda/AE

Guerreiros reunidos no Posto Indígena de Diauarum, no Xingu: armas, corpos pintados de preto e revolta contra invasão de brancos

Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte OESP
Data 13/10/96 Pg cont.
Class. 263

TENSÃO NO XINGU

"Vamos garantir esta terra custe o que custar"

Os índios panarás foram transferidos para o Xingu em 1975 e, ao longo do tempo, pediram esmolas à beira das estradas, morreram de doenças venéreas e de outras enfermidades que desconheciam

O cacique fita por uns momentos o rio que emerge de um lado da mata e desaparece do outro sem encontrar respostas para as suas perguntas.

E então acrescenta: "Vamos garantir essas terras e esses rios aos nossos descendentes custe o que custar. Sem isso, estaremos mortos como índios".

Mas as preocupações do cacique Suyá Kuyussi são pequenas se comparadas às ameaças sofridas pelo cacique Akë, dos crenakores (panarás), palavra de origem caipó que designa índios de "cabeça cortada redondo" devido ao estilo de cabelo que já foi típico dessa etnia.

Contatados em 1973 e ameaçados pela BR 163, a Cuiabá-Santarém, os panarás foram transferidos para o Xingu dois anos depois.

Nesse intervalo de tempo pediram esmolas à beira da estrada, morreram de doenças venéreas e outras enfermidades de homem branco, que desconheciam. À época do contato, a imagem de um destes índios "gigantes", percorreu e assombrou o mundo. Era Kokrit. Alto, forte, nu, destemido com seu arco e flecha. Assim ele foi fotografado.

Figura esquálida — Na semana passada encontramos Kokrit, capitão dos guerreiros à época do contato, na nova aldeia às margens do Iriri, no sul do Pará.

Esperávamos sentir na aldeia, um ambiente mais otimista, de retorno às origens. Mas o que observamos foi profundamente perturbador. Kokrit não passa de uma figura esquálida, rosto chupado pela magreza produzida pela tuberculose. A pedidos, concordou em pousar segurando pela mão uma garotinha de 11 anos que parece ter 6: Kuaten.

> OS ÍNDIOS GIGANTES, CONTATADOS PELOS VILLAS-BOAS, SÃO VÍTIMAS DA TUBERCULOSE

Como ele e quase a metade dos Panará, que reúnem 186 membros, ela também está tuberculosa e escapou da morte por pouco, num internamento em São Paulo.

A chegada à aldeia panará já foi conturbada. Tão logo o Cessna-180 monomotor que nos levava pousou, fomos arrancados de dentro dele por índios exaltados. Eles queriam o avião para apanhar a irmã do atual capitão, deixada por outro avião numa aldeia caiapó. O piloto Cid Leoncini, filho do fundador de São José do Xingu, o Bang, concordou, sem alternativa, em fazer a viagem de 70 minutos. Permanecemos em terra conversando com o cacique Okë e outros índios.

Avião invadido — Enquanto éramos tirados do avião, uma voz de branco soou às minhas costas pedindo "calma". Era Osanam Gomes Duarte, ex-sertanista e atual enfermeiro da Funai, uma espécie de "anjo da guarda" do que resta dos panarás. Com ele ficamos sabendo que o tratamento de Kobrit já foi interrompido três vezes por falta de medicamento e que ele "só não morreu ainda porque é muito forte".

Microscópio — Também falta medicamentos para combater o efeito tóxico dos remédios contra a malária e que só em setembro somou dois casos. O único microscópio disponível, para exame de lâminas de malária, pertence aos caiapós e está emprestado aos panarás. O chefe Okë fica envergonhado com as cobranças de devolução que chegam pelo rádio, mas não está disposto a devolver o equipamento, vital para a proteção de seu povo.

Cercados — Nuvens escuras e ameaçadoras deslocam-se do norte. Temos que sair rápido com nosso pequeno avião. Lá de cima sobrevoamos a pequena aldeia Panará.

Eles estão cercados pelas fazendas, garimpeiros e madeireiros, mas agora dispostos a resistir até o fim. Inclusive com a solidariedade dos belicosos caiapós, assegura o cacique Akë. **(Ulisses Capozoli)**

Itamar Miranda/AE

Demoni, índio da tribo suiá: botoques no lábio e nas orelhas

JWT

TEM FUTURISMO NA BIENAL.

Dentro da 23ª Bienal Internacional de São Paulo você encontra várias correntes das artes neste final de século.

Um dos maiores artistas contemporâneos, o americano Cy Twombly, está na sala especial patrocinada pela Kodak.

A Kodak também participa com sua mostra de futurismo.

É o novo Sistema Advantix Kodak, o

A cronologia de uma reserva

Em 1943, era anunciada a grande expedição Roncador-Xingu. Para a propaganda do Estado Novo, "o verdadeiro sentido da brasilidade é a marcha para o Oeste". Três anos depois a expedição parte de Aragarças, em Goiás, e faz o primeiro, contato, hostil, com os xavantes e calapalos.

Em 1948 os pioneiros contatam os camaiurás, jurunas, meinacos, suiás e atingem o Rio Xingu. Em 1949, Orlando Villas-Boas assume a liderança da expedição. Quatro anos depois o grupo é atacado e quase massacrado por caiapós, junto a cachoeira Von Martius, no Pará. Em 1961, Jânio Quadros cria o Parque Nacional do Xingu. Leonardo Villas-Boas morre. Em 1962 a reserva é consolidada, sob a direção dos irmãos Claúdio e Orlando Villas-Boas.